



Etnografia e tradições como factor relevante para uma caracterização do Património Cultural Imaterial de Coimbra.

Carmen Pereira¹

Coimbra uma cidade eminentemente cultural. Vive, sente e recria cultura. Para que a apreensão e conhecimento da história de um povo seja possível, é necessário aprofundar a cultura desse povo, criada e transmitida pelos antepassados ao longo dos tempos. A cultura interliga-se com a tradição, ou seja, através dos usos e costumes, das formas de pensar e agir, da arte, das normas, da organização social, do trabalho, entre outros. Importa assim, descrever o povo de Coimbra sob o ponto de vista etimológico da Etnografia tendo em especial atenção os propósitos e contributos para a salvaguarda do Património Cultural Imaterial – PCI.

No ano de 2003 foi aprovada a Convenção para a Salvaguarda do PCI no decurso da 32ª Conferência Geral da UNESCO. Estas premissas entraram em vigor no ano de 2006. De acordo com o artigo 2º da Convenção, o PCI entende-se como “(...) *práticas, representações, expressões, conhecimentos e aptidões – bem como os instrumentos, objectos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, os grupos e, sendo o caso, os indivíduos reconheçam como fazendo parte integrante do seu património cultural. Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interacção com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana.*”². Neste campo de ação as comunidades, grupos e indivíduos têm uma função fulcral neste procedimento, pois identificam (tematizam) os próprios processos de patrimonialização (inventário e valorização) e proteção (salvaguarda) das expressões culturais. Este instrumento

¹ Técnica Superior de Antropologia na Divisão de Reabilitação Urbana da Câmara Municipal de Coimbra.

² Cf <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial> e <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=1>.



contribui para uma sensibilização e reconhecimento a nível local, nacional e internacional, para uma colaboração, apoio e salvaguarda deste património, através de um registo e inventário detalhado. A nível internacional, a implementação do *Inventário Nacional* tem como objetivo o cumprimento da obrigação primacial a que se refere o Artigo 12º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial: “1. Para assegurar a identificação com vista à salvaguarda, cada Estado Parte elabora, em moldes que se adaptem à sua situação, um ou vários inventários do património cultural imaterial presente no seu território. Estes inventários são objecto de actualização periódica. 2. Cada Estado Parte, aquando da apresentação periódica do seu relatório ao Comité, em conformidade com o Artigo 29º, presta informações pertinentes sobre os referidos inventários.” (UNESCO, 2003). No ano de 2006 foram ainda definidas, em documento próprio, as diretrizes operativas da Convenção para a Salvaguarda do PCI³ que devem servir de orientação base.

A relevância da investigação etnográfica tendo como particular incidência as tradições, usos e costumes de Coimbra e o contexto do PCI de que Coimbra é detentora, revelam indispensável necessidade de uma descrição individual. Esta abordagem já foi referenciada, pela mesma autora no ano de 2016, no artigo relativo ao processo de produção da cerâmica de Coimbra: um contributo para o Património Cultural Imaterial⁴. A autora defende, e mantém o pensamento, que “Coimbra possui um vasto conjunto de manifestações culturais que devem ser registadas e inventariadas, sob pena de se perderem ao longo dos tempos. Urge uma vontade regional e nacional para que o nosso país se valorize mais do ponto de vista patrimonial e cultural.” (Pereira, 2016:10). Subscrive ainda que do ponto de vista legal “O PCI tornou-se numa dessas políticas de salvaguarda em que o registo, o inventário pormenorizado e a sua disponibilização quer a nível internacional, quer a nível nacional se tornam prementes para uma transmissão intergeracional e a salvaguarda nas formas de desenvolvimento.” (Pereira, 2016:1). Assim, a

³ Disponível em https://www.unescoportugal.mne.pt/images/Temas_CLT/diretrizesoperativaspci_2016_pt.pdf.

⁴ Para uma questão mais aprofundada, sugere-se a leitura do artigo na íntegra que se encontra disponível através dos acessos <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/urbanismo/9717-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra/file> e <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/urbanismo/gabinete-para-o-centro-historico/grupo-de-arqueologia/item/4328-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra>.



inserção no Inventário Nacional do Património Cultural Imaterial - INPCI⁵ exige a apresentação de alguns requisitos para que a manifestação cultural registada possa ser perpetuada no futuro, de uma forma fidedigna, ou seja: *“A descrição pormenorizada de todo o processo de uma manifestação/tradição de forma a salvaguardá-la na sua forma tradicional, tendo em conta a apresentação da evolução de técnicas, métodos e utensílios face à industrialização e modernização dos tempos, revela a importância do seu registo e a sua proteção como PCI.”* (Pereira, 2016:7).

Esta é a premissa principal numa recolha e registo de PCI. É importante que as novas gerações vão sabendo, conhecendo e interpretando as tradições e formas de vida dos antepassados, das que caracterizam as regiões do nosso país, e de certa forma que percebam como é que se vivia e se fazia. O processo evolutivo é cada vez mais mecanizado, pois a intervenção humana vem sendo cada vez mais substituída pelas tecnologias e as novas gerações se não tiverem acesso a estes registos nunca saberão a proveniência original de algumas coisas.

As tradições, crenças e lendas de Coimbra são diversas, e a descrição de cada uma considera-se uma mais-valia para a história cultural de uma cidade como Coimbra. Assim, interessa apresentar de forma pormenorizada para manter o registo e a salvaguarda destas manifestações de uma forma real, ou seja, como se vivenciam e experienciam, para uma necessária proliferação destas culturas, nas gerações seguintes, de forma fidedigna e prossecutora. A cultura, embora tenha um carácter evolutivo, retém um conjunto de aspetos embrionários para que os tradicionalismos permaneçam e sejam transmitidos fidedignamente às novas gerações e conheçam as vivências, usos e costumes dos nossos antepassados. A manutenção e preservação das tradições coimbrãs são fundamentais, os grupos e algumas individualidades, que recriam e colaboram ativamente para essas recriações das tradições, usos e costumes, devem ser louvados.

⁵ O Inventário Nacional é suportado pela MATRIZ 3 – Inventário, Gestão e Divulgação de Património, sistema de informação da DGPC para promoção da abordagem integrada ao património, material e imaterial, por parte de todas as entidades com responsabilidades no seu estudo, documentação e salvaguarda em <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/InventarioFiltrar.aspx>. Encontra-se também acessível o manual de utilização com a explicação do preenchimento de cada etapa para o registo em <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=4> e o kit de recolha de património imaterial em



A cidade de Coimbra, culturalmente híbrida, erudita e popular, apresenta-se como lugar de confluência de várias culturas: duriense, galega, espanhola, estremenha, ribatejana e africana (Borges, 1999:60). Uma cidade de formação pessoal e profissional (Prata, 2002:140) que reúne um vasto conjunto de tradições populares e religiosas. O carácter das gentes de Coimbra adaptou-se, de acordo com o contexto geográfico da cidade, tendo em conta a natureza, a diversidade cultural das gentes e das coisas que a ela se foram ancorando durante séculos, construindo uma forte personalidade, denominada de coimbrã ou conimbricense (Borges, 1999:65). A cultura associada à tradição, através dos usos e costumes, regista aspetos de forma a contribuir para a manutenção e transmissão da tradição às novas gerações, mantendo viva a origem da cultura popular. Os processos de aculturação da população coimbrã contribuíram para uma “(...) herança histórica e cultural, rica em vestígios da cultura material, da cultura linguística, de tradições de cariz popular, como as lendas e até motivos artísticos e de inspiração literária e musical, bem como tecnologias e saberes visíveis nas artes cerâmicas (azulejo e olaria), na tecelagem, na agricultura, na pesca, na culinária e nas obras de metal e couro, que ainda hoje marcam profundamente a cultura material e popular da região de Coimbra e do Baixo Mondego para onde foram muitos dos muçulmanos que resolveram ficar” (Gomes e Veiga, 2003:22).

Coimbra é um pólo cultural de grande relevância. A abordagem da caracterização etnográfica coimbrã aporta motes que se encontram todos interligados. Assim, neste artigo serão enunciados temas como os relacionados com algumas figuras típicas da região, a caracterização e importância do folclore, as festividades populares, académicas e religiosas, o artesanato e a gastronomia. Contudo, a caracterização é apenas enunciativa, carecendo cada tema de ser estudado minuciosamente para uma apresentação mais descritiva e pormenorizada, de forma individual, segundo as premissas da salvaguarda do PCI.

Na etnografia coimbrã é possível identificar algumas **figuras típicas da região**, como a tricana, o futrica, o estudante, o moço de recados, a servente de estudantes, o barqueiro, a lavadeira, o jornaleiro, as aguadeiras, entre outras.

<http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20material>



O termo “tricana” reportava-se inicialmente a um tipo de tecido, concretamente ao mantéu de merino, passando com o tempo a designar a mulher que usava esse tecido, e que envergava o traje típico de Coimbra (Borges, 1987:53). A indumentária manifestava a dualidade de características do meio e da vivência da tricana (Borges, 1988:7-20). A indumentária da tricana era composta pelo mantéu ou mantilha, ou seja, uma capa ou manto rodado até abaixo do joelho ou mesmo até ao tornozelo. Na cabeça usava a “coca”, uma peça armada em papelão, com lenço de seda sobre o pente alto; sapato preto em camurça; saia quase travada abaixo do joelho. Usava-se a denominação de mantéu quando era atribuído à classe mais baixa e mantilha quando era referente à classe mais elevada. A diferença pautava-se essencialmente pela qualidade dos tecidos utilizados (Borges, 1987:53-54). O termo “mantilha” provém do espanhol e designava a peça rendada que era usada pelas mulheres quando se deslocavam à missa. A mantilha era debruada com uma tarja de veludo, da mesma cor do tecido, que fechava com a mão à frente. A mantilha só aparece referenciada na região e cidade de Coimbra no século XVI, em disposições testamentárias (Borges, 1984: 60-64).

No entanto, a indumentária coimbrã evoluiu ao longo dos tempos, e o mantéu e a mantilha caíram em desuso com o surgimento da nova mentalidade romântica e liberal, nos meados do século XIX, tendo sido substituído pelos capotes e capoteiras e, posteriormente, pelo xaile. Este chegou mesmo a ser considerado uma peça de roupa de luxo da tricana. A qualidade do tecido variava mediante os meios económicos. O xaile de cachemira era o mais caro (Borges, 1988a:260-261). No início do século XX, a indumentária tradicional da tricana caracterizava-se pelo uso de chambre branca; saia rodada com uma barra larga de veludo, debruada em toda a roda com uma fitinha de lã; saiotes encarnados; meias brancas rendadas; avental de fantasia; chinela de verniz preto trabalhada e bicuda; xaile de várias cores, liso ou trabalhado (Sá, 1942:8-9).

Um factor interessante reportado por Nelson Correia Borges (1988a:262-263) refere-se à forma de trajar o xaile de merino de oito pontas, pois consoante a disposição mostrada, indicava o seu

[Integral.pdf](#)

estado civil. A tricana, enquanto figura coimbrã, foi objeto de estudo e um elemento muito presente nas canções e nas lendas relacionadas com a cidade.



Fig. 1. Figuras típicas de Coimbra: tricana e estudante
(<http://penedosaudade.blogspot.pt/2010/03/tricanas-de-coimbra.html>).

O futrica, outra figura típica coimbrã, reporta-se aos rapazes e aos homens de Coimbra. Estes trajavam consoante o estrato social e económico que possuíssem. Os futricas eram o grupo rival dos estudantes muitas vezes por causa das tricanas, porque o relacionamento das tricanas com os futricas acabava por ser afetado pela intervenção dos estudantes. Estes realizavam serenatas e eram vistos como uma possibilidade de as tricanas ascenderem a uma hierarquia social mais elevada.

O estudante universitário apresenta uma identidade cultural relacionada também com a questão da indumentária. Ao longo dos tempos verificou-se uma alteração na forma de vestir e a decisão de adotar um traje único permitiu uma união das várias classes socioeconómicas na comunidade estudantil. O traje estudantil provém da influência dos costumes colegiais, do hábito talar ou capa e batina com base no ensino fundado por D. Dinis, segundo Nunes (1999:399). Nelson Correia Borges (1987:48-49) refere que no século XVI o traje dos estudantes universitários distanciava-se dos restantes trajes, pois vestiam um mantéu talar, loba a meia perna abotoada atrás, borzeguins inteiriços e um barrete redondo ou de cantos na cabeça. Com a Implantação da

República, 1910, verifica-se uma liberdade e variedade nas tipologias de tecidos e nas cores utilizadas, constituindo assim, maneiras excessivas de apresentação (Correia, 1958:259-263; Borges, 1987:49). No final do século XIX ocorreram contestações relacionadas com esse livre arbítrio, na vontade ou não de trajar, e no facto do traje se relacionar muito com o hábito eclesiástico (Lamy, 1990:653-657). No século XX verifica-se assim a maior transformação do hábito estudantil, ou seja, passou a fazer parte do traje académico, até aos nossos dias, o colete com gravata e batina com banda de cetim e pregas posteriores (Nunes, 1999:411). Esta questão da evolução da indumentária encontra-se mais aprofundado no artigo divulgado pela mesma autora no ano de 2009, denominado “As tradições académicas” que integrou a publicação *Coimbra na Época Moderna, a Universidade e a sua História*.

Em meados do século XIX, surge a imagem do moço de recados e a servente de estudantes. A indumentária do moço de recados era constituída por calça de alçapão e jaqueta assertoada com botões de prata. A vendedeira de arrufadas inicialmente usava um grande açafate, tendo sido substituído após a introdução do comboio (1864) por um baú de folha de flandres (Borges, 1988a:261). Associado ao rio da cidade de Coimbra, existem as figuras do barqueiro e da lavadeira. As lavadeiras, vestiam saiotes compridos de cor, alteados e apertados na cintura, camisa de manga comprida ou meia manga e lenço na cabeça (Magalhães e Colaço, 1912: 65-69) dispunham-se ao longo da margem do rio, e espalhavam a roupa para corar (Magalhães Colaço, 1912: 67).



Fig. 2. Lavadeira a corar a roupa nas margens do rio Mondego (Magalhães Colaço, 1912:68).



Uma outra figura mítica da cidade era o jornalista que vestia, no início do século XX, carapuça e cinta preta, camisa de linho cru e calça cotim. As aguadeiras são outras figuras típicas da cidade de Coimbra.

A variedade de tipologias no trajar das diversas regiões do país abre lugar à adoção de um trajo regional. Em Portugal a época de individualização do trajo regional decorreu no século XIX, diminuindo com a viragem para o século XX. Nesta altura, acabou por se verificar uma associação do trajo regional a uma classe e não a uma região (Borges, 1988:17). Embora as indumentárias típicas coimbrãs tenham acompanhado a evolução da sociedade, Coimbra regista as maneiras e os comportamentos tradicionais característicos da região. Esta preservação das tradições e dos usos e costumes constituem um marco na tradição e na formação do folclore (Vasconcellos, 1983:32). O **folclore coimbrão**, representado por diversos organismos académicos e independentes, salvaguarda a imagem das indumentárias, das cantigas, das danças e de outros elementos tradicionais da região (Sá, 1942:72). Segundo Nelson Correia Borges (1988:18-19) o trajo e a cultura popular são os pontos essenciais de interesse dos grupos folclóricos permitindo a manutenção da ideia subjacente à tradição e costumes populares de determinada região. Nelson Correia Borges (1988) defende assim a criação de cópias fidedignas dos trajos para apresentação nos grupos folclóricos.

A Universidade, através da Associação Académica e de alguns dos seus grupos e organismos autónomos, visa estabelecer a interligação entre a cidade e a população. Assim, no âmbito da Academia, desenvolveram-se organismos com o objetivo de incrementar o estudo da etnografia e do folclore. O Grupo Universitário de Danças Regionais surgiu no ano de 1955, quando o Conselho Feminino da Associação Académica formou um agrupamento especialmente dedicado à dança folclórica portuguesa. Este grupo era constituído por estudantes de todas as faculdades, provenientes de todas as províncias de Portugal. Este grupo foi formado por Maria de Lourdes Dias, Maria Alice Faria e Adriana Moura e Silva, e legalizado na Assembleia Magna de 1956, criando uma nova secção na Associação Académica, abrangendo o grupo de danças e o orfeon misto⁶. Hoje ainda podemos encontrar alguns grupos de danças e cantares na Associação

⁶ “GRUPO Universitário de Danças Regionais”, 1958: 486.



Académica de Coimbra tais como o Grupo de Etnografia e Folclore, fundado em 1966. Este grupo procura preservar a cultura popular através da recolha, estudo e inventário dos utensílios domésticos, através do canto, da poesia e da representação (Fonseca, 2000:31) com o objetivo de preservar a cultura portuguesa com base nas raízes tradicionais.

Um outro grupo é a Orquestra Típica e Rancho, fundada em 1981. Este, perspetiva também uma interligação entre a população residente e a população estudantil⁷. Neste sentido organiza anualmente, nas Festas da Queima das Fitas, o Encontro Nacional de Etnografia e Folclore, e na latada, o Festival Académico de Folclore. A indumentária apresentada por este grupo desenvolve-se a partir das atividades exercidas na cidade pelas populações vizinhas, o barqueiro, a leiteira, o jornaleiro, o trabalhador, o cidadão, a romaria pobre e a romaria rica, e a tricana.

Além dos grupos associados à Academia coimbrã, existem outros grupos independentes regidos pela mesma tradição. O Grupo Folclórico de Coimbra, fundado em 1986, procura reviver e divulgar o património cultural da cidade e arredores, do período do século XVIII até ao início do século XX, nas áreas do canto, da dança, e das tradições (Borges, 1988a:257). Durante o período de 1986 a 1994, este grupo funcionou na Casa de Pessoal da Universidade de Coimbra e, em 1995, passou a ser uma associação cultural independente. Atualmente encontra-se sediado na Rua das Flores n.º 1 e é dirigido por Nelson Correia Borges. Este agrupamento utiliza indumentárias características da zona de Coimbra, sendo estas reproduções fidedignas dos trajos tradicionais (Borges, 1988:18-19). Como afirma Nelson Correia Borges: “*A nossa cultura popular tem de ser salva do aniquilamento e ou se criam estruturas para a sua conveniente recolha, arquivo e publicação ou se presta o auxílio que é mais do que devido aos grupos de carolas que abnegadamente vêm procedendo a esta tarefa (...) e neste campo poderíamos apontar alguns grupos folclóricos com trabalho verdadeiramente modelar*” (Borges, 1988a:258).

O Grupo Folclórico de Coimbra consiste sem dúvida num grupo de grandiosa relevância para a cidade no que respeita à recriação e revivência de tradições, usos e costumes característicos de Coimbra e a participação ativa na sua transmissão às novas gerações.



Fig. 3. Grupo Folclórico de Coimbra
(<http://folcloredeportugal.blogspot.pt/2009/02/grupo-folclorico-da-casa-do-povo-de.html>).

Um outro grupo folclórico que também é considerado património cultural desta cidade é o Rancho Folclórico das Tricanas de Coimbra. Este grupo foi fundado em 5 de julho de 1938 e defende os mesmos propósitos culturais baseados nas tradições, usos e costumes. Após uns anos de interregno na sua atividade, atualmente encontra-se coeso e a trabalhar com uma missão de transmissão à população, turistas e visitantes os valores culturais de um grupo folclórico.

Um organismo de forte consideração na área do folclore é a Associação de Folclore e Etnografia da Região do Mondego - AFERM, inicialmente designada por Associação de Folclore das Beiras. Surgiu no ano de 1983 com as Jornadas Folclóricas, embora o projeto e a sua constituição tenham sido definidos apenas em 1985. No ano de 1988, iniciaram a sua participação no programa das festas da cidade e da Rainha Santa, no âmbito do Festival de Folclore (Nunes, 2001: 53-57). Esta associação desenvolvia, e ainda desenvolve, projetos de preservação do folclore e da etnografia da região do Mondego, tendo vários grupos de folclore associados e uma escola de música de instrumentos tradicionais populares.

As modas e danças tradicionais continuam a ser representadas pelos grupos folclóricos. As mais antigas da cidade de Coimbra são por exemplo o “estalado” (dança característica das tricanas), o “folgadinho”, a “farrapeira”, o “vira de Coimbra”. As cantigas têm em comum a sátira social, amorosa e religiosa, expondo as relações entre as tricanas e os futricas (Borges, 1988a:258-264).

⁷ Cf. <http://seccaodefado.wixsite.com/sfaac/orquestra-tpica-e-rancho>.



Alguns destes agrupamentos já desaparecidos foram por exemplo: o Rancho Alegre Mocidade; a Flor da Mocidade; o Rancho Mocidade; o Rancho das Flores; o Rancho Esperança e o Rancho do largo das Olarias (Sá, 1942:40-41). João Lourenço Roque defende (1990:329-332) uma interligação entre as questões culturais e associações recreativas.

Com o desaparecimento dos testemunhos orais dos mais idosos torna-se difícil efetuar os registos etnográficos da cultura tradicional. Nelson Correia Borges, já em 2003 (p.55), advertia para a necessidade de se salvaguardar esta forma de transmissão da cultura popular.

No campo das **festividades populares** coimbrãs ressaltam-se: a romaria do Espírito Santo; a serenata popular; as festas dos santos populares com a realização de fogueiras; várias feiras com sentido cultural e lúdico; e as tradições académicas que comportam um vasto conjunto de festas, rituais e celebrações dignas de serem registadas e apresentadas.

Assim, a **romaria do Espírito Santo** consiste numa agregação de festejos que datam do século XIII, como é o caso da Festa do Imperador que teve como origem a promessa, ao Espírito Santo, da população de Eiras, face à epidemia que assolou a cidade de Coimbra. Esta festa tem o ponto alto no domingo de Pentecostes, isto é, cinquenta dias após a Páscoa. O Imperador, homem escolhido pela Câmara, era coroado na missa solene em Eiras. Após este ato, a nobreza, a Câmara e o povo acompanhavam o Imperador em cortejo até ao Mosteiro de Celas e posteriormente até à Capela do Espírito Santo, nos Olivais. Continuavam os festejos e a partilha de merenda. O regresso a Eiras culminava com a oferenda de um bode, pelo Imperador, à população. Com o decorrer dos tempos, a romaria passou a ter lugar no adro envolvente da Igreja de Santo António dos Olivais. Esta festa realizou-se até 1832 (Borges de Figueiredo, 1886), mas nos inícios do século XX esta tradição foi recuperada, e adquiriu um carácter popular com a reunião da população oriunda dos arredores para dançar, cantar e merendar. No domingo a festa era feita pela população citadina e, na segunda-feira, pela população das proximidades (Figueiredo, 1912:743-744).

Desde as últimas décadas do século XX que a festa se destina à população em geral, com uma organização semelhante à de uma feira popular: carrinhos de choque; algodão doce; tendas que

vendem tapetes, barros, ferramentas; as famosas tascas improvisadas de comes e bebes. São também apresentados grupos folclóricos e musicais. A festa tem a duração de cerca de um mês.



Fig. 4. Romaria do Espírito Santo realizada no ano de 1886 (Rodrigues Costa, 2017).

Como se sabe, as festividades alusivas aos Santos Populares têm lugar ao longo do mês de junho, com vários grupos folclóricos a realizarem eventos por toda a cidade. Assim, o rol destas festividades populares inicia-se na primeira sexta-feira com a **serenata popular**, que tem lugar nas escadas da Igreja de S. Tiago. Esta serenata visa a recriação das personagens da tricana e do futrica pelos membros do Grupo Folclórico de Coimbra, trajados a rigor e cantando as melodias da época.

Em Coimbra, ainda no âmbito das festas populares realizam-se as **fogueiras**. A evolução e organização das fogueiras consistem numa festividade digna de registo mais detalhado pois o caso de Coimbra reflete uma particularidade relacionada com a criação de pavilhões em substituição das fogueiras no sentido real do conceito⁸. Nos finais do século XIX, com a criação de uns espaços denominados como pavilhões, passa para um carácter simbólico dos festejos (Correia, 2007). Este carácter simbólico relacionado com a designação de fogueira não alterou em nada a sua denominação, mantendo o termo “fogueira”. Assim, a “fogueira”, ou o

⁸ A autora deste artigo encontra-se a desenvolver investigação com vista à elaboração de um estudo mais detalhado acerca desta temática, para apresentar superiormente.

“pavilhão”, consiste num mastro, colocado no centro de um palco circular enfeitado com balões de papel, bandeiras onde tocam os músicos e a população dançasse em volta. Este espaço é ainda decorado com cordões de verdura ligados aos mastros laterais ou, em alguns casos, às casas próximas. As designações de fogueira e pavilhão baseiam-se num simbolismo, porque nem um conceito nem outro se referem a uma fogueira com lenha e lume, ou a um pavilhão no sentido atual de armazém (Borges de Figueiredo, 1886:311-315; Borges, 1987:56).

Para estas festas populares, antigamente, os ranchos folclóricos eram ensaiados de forma a apresentarem as suas exibições durante esta época. Existiam dois tipos de fogueiras, as espontâneas e populares em que nada era preparado, e as organizadas com a construção e ornamentação cuidada dos pavilhões. Junto a estes pavilhões dançavam e cantavam os ranchos. O folclore através destas festas foi recuperando as danças de roda, características do regionalismo da Beira, e as melodias populares (Borges, 1988a:259-260).



Fig. 5. Pavilhão construído para os festejos populares das fogueiras, finais dos século XIX

(<http://2.bp.blogspot.com/4RdMsTQKOO/Ru1b9LLuh4I/AAAAAAAAAtE/BLfzi2yxAH0/s320/pavilhao.jpg>).

As fogueiras realizavam-se um pouco por toda a cidade, embora a do Pátio da Inquisição fosse a predileta, tal como foi afirmado no Jornal Tribuno Popular a 27 de junho de 1906 *“Onde foram milhares de pessoas foi sem dúvida ao Pátio da Inquisição. Aqui a fogueira era elegante e estava*



muito bem iluminada. As canções eram cantadas com profunda sensibilidade por o rancho, composto de graciosas tricanas de Coimbra. Quási não chegava o Pátio para comportar tanta gente” (apud Borges, 1987: 56). Independentemente de se realizarem durante o mês de junho, por ocasião dos santos populares, as fogueiras de S. João eram as mais convidadas, tal como afirma Borges de Figueiredo: “Na vespera de Santo Antonio e na de S. Pedro (e alguns anos por ocasião da festa de Santa Isabel), tambem se fazem fogueiras em Coimbra; mas só nas de S. João chega ao auge o entusiasmo” (1886:315).

Atualmente o Grupo Folclórico de Coimbra procura manter esta tradição, sendo responsável pela organização da fogueira dos santos populares da Praça Marquês de Pombal. A construção do pavilhão inicia-se, tal como era inicialmente, para as fogueiras de Santo António mantendo-se até ao S. Pedro (Borges, 2003:55). No pavilhão centram-se os músicos e uma das figuras basilares dos festejos das fogueiras, a pessoa que coordena e orienta a música e a dança, é o “mandador”. Esta personagem chegou a fomentar a competição entre os vários ranchos. Um dos mais famosos mandadores de Coimbra foi António Calmeirão (Borges, 1987:56-57). As danças têm lugar em volta do pavilhão e são coordenadas pelo “mandador”. Este, mediante a sua vasta experiência, indica as coreografias da roda de dança tradicional. Estas indicações são, a título de exemplo: brincar, palminhas, roda, roda e meia, serra, etc. Com o avançar da noite, chegam a formar-se duas rodas em volta do pavilhão. Dançam novos e idosos. As canções populares aludem à alegria e ao sentimentalismo. Inicialmente a festa decorria até de madrugada, como deixou escrito Borges de Figueiredo: “ (...) na noite de S. João ninguém se deita” (1886:312). Tradicionalmente os grupos folclóricos deslocavam-se rumo à Fonte do Castanheiro, localizado no Vale da Arregaça, com o objetivo de beberem um pouco de água, a qual consideravam milagrosa, nomeadamente nas questões do casamento (Sá, 1942:24). Atualmente perdura o simbolismo desta tradição e neste sentido, as pessoas deslocam-se do largo Marquês de Pombal, transportando balões iluminados e cantando melodias, até ao Jardim da Sereia, mais concretamente à Fonte do Tritão.



Fig. 6. Fogueiras de S. João no largo da Sé Nova no ano de 2004 (Carmen Pereira)

Avançando com esta alusão a algumas tradições populares, as feiras de carácter tradicional realizadas em Coimbra abarcam uma tradição de costumes que são imprescindíveis de reviver a cada realização para não se perderem os seus propósitos. Neste artigo aludem-se às seguintes feiras, com carácter enunciativo: Feira dos Lázaros, Feira Medieval, Feira de S. Bartolomeu, Feira das Velharias e Feira de Artesanato Urbano.

Assim, a **feira dos lázaros**⁹ ocorre dois domingos antes da Páscoa e abrange uma tradição baseada na visita aos enfermos, especialmente aos leprosos. Inicialmente a feira realizava-se no largo de D. Dinis, por se localizar em frente ao antigo hospital onde se encontravam os enfermos para visitar. Contudo, após a demolição da Alta de Coimbra a sua realização foi transferida de local, para o largo de Celas. Posteriormente regressou ao espaço inicial e atualmente realiza-se nos dois locais. Esta feira era constituída por bancas de doces tradicionais, petiscos, e vinho característico da região. Os visitantes que se deslocavam ao hospital dos leprosos nestes domingos, compravam estas guloseimas para oferecerem aos enfermos. Apesar de atualmente não se verificar a visita aos doentes, a população mantém a tradição de se deslocar a esta feira para comprar a doçaria. A recriação desta feira mantém-se devido ao empenho do Grupo

⁹ Cf. <http://www.memoriaportuguesa.pt/feira-dos-lazaros>.

Folclórico de Coimbra. Os produtos mais característicos desta feira são os lázaros, constituídos de massa de pão, com a forma de galinhas e enfeitados com penas; os manjares brancos sobre discos de barro vermelho; a tradicional arrufada de Coimbra; os pastéis de Santa Clara; entre outros.



Fig. 7. Feira dos Lázaros realizada a 13 de março de 2016

(http://encontrogeracoesbnm.blogspot.pt/2016/03/noticias-de-coimbra_13.html).



Fig. 8. Lázaros apresentados na Feira dos Lázaros realizada a 13 de março de 2016

(http://encontrogeracoesbnm.blogspot.pt/2016/03/noticias-de-coimbra_13.html).

Outra feira de grande tradição é a **feira medieval**. A feira de Coimbra, inicialmente designada, embora já existisse desde o século XII, foi instituída por portaria fernandina apenas a 7 de junho de 1377, no reinado de D. Dinis.

Em junho de 1992 realizou-se a I Feira Medieval em Coimbra, no largo da Sé Velha (Coelho, 1993). Esta feira tem como objetivo recriar os tempos medievais do século XIV, nesta cidade, através do convívio com as figuras típicas da altura: os almocreves, os mercadores, os mendigos, os gentis-homens e os clérigos, os animais, as barraquinhas, etc. A feira, conta com a participação de muitas figuras que são devidamente caracterizadas para o efeito e um grupo de teatro que representa e vivifica os momentos mais importantes da festa.



Fig. 9. Comemorações dos 25 anos de Feira Medieval realizada no dia 18 de junho de 2017 no Largo da Sé Velha em Coimbra (<https://www.cm-coimbra.pt/media/k2/galleries/Feira%20Medieval%202017/Feira%20Medieval%20130.JPG>).



Fig. 10. Feira Medieval de Coimbra de 8 de junho de 2013 (Carmen Pereira).

Esta feira oferece, para além dos trajos típicos da altura, uma gastronomia típica apresentada de forma característica, tendo em conta a época representada. Assim, as febras, torresmos e as sardinhas assadas nas brasas e servidas nas folhas de couve, com pão de centeio, chouriço cozido em vinho, peixes e costeletas de javali, fazem parte das iguarias disponíveis para os visitantes consumirem.

Para além de todos os figurantes, muito bem caracterizados, ressalva-se a presença do mendigo Basilius, de seu nome Joaquim Vieira Basílio. Iniciou a sua participação no ano de 1992 com a I Feira Medieval mantendo-se até à 25ª. Faleceu a 21 de setembro de 2017, com 82 anos. Foi homenageado no ano de 2015, ressaltando-se a sua excelente prestação, caracterização e representação. Consistiu numa figura marcante para esta feira e várias feiras medievais do país.



Fig. 11. O mendigo Basilius na Feira Medieval de Coimbra de 8 de junho de 2013 (Carmen Pereira).

A **feira de S. Bartolomeu** surgiu inicialmente apenas como uma feira franqueada, e data, na cidade de Coimbra, de autorização de D. João I em 1391. Esta feira deveria realizar-se de 15 de setembro a 15 de outubro. No ano de 1439 passou para o período da Páscoa, passando a designar-se “Feira de Pascoela”, franqueada só em quinze dias. Em 1512, D. Manuel I determina



a transferência da feira para a semana das festas de S. Bartolomeu, passando a designar-se como tal. A feira de S. Bartolomeu decorreu em vários locais da cidade, desde o Rossio de Santa Clara, Horta de Santa Cruz - atual Mercado D. Pedro V, largo da Feira - atual largo da Sé Nova, Praça Velha - atual Praça do Comércio e no espaço do antigo Convento de S. Francisco - atual Estádio Universitário (Gonçalves, 1991:7-13). A construção do Estádio contribuiu para o seu desaparecimento nos finais da primeira metade do século XX. Ressurgiu por volta de 1986 mas com a designação de “Feira das Cebolas” (Gonçalves, 1991:12-13). Realizava-se em agosto e cingia-se à venda de alhos e cebolas provenientes de Cernache. Os camponeses construíam tendas e durante vários dias vendiam os produtos. Com o passar do tempo mantêm-se os propósitos mas surgiu uma variedade de produtos e atividades nos locais de realização. As atividades lúdicas que decorrem nesse período visam um carácter de festividade com danças e cantares tradicionais apresentados por vários grupos folclóricos. Atualmente realiza-se na Praça do Comércio no mês de agosto.

Recentemente surgiram novas feiras realizadas com um carácter mais lúdico, ou seja, as feiras do livro e do artesanato. Estas feiras, em tempos, realizavam-se em períodos distintos, mas recentemente juntaram-se e decorrem num prazo mais alargado, com cerca de 10 dias. Esta feira agora denominada como Feira Cultural de Coimbra concentra as feiras do livro e de artesanato em conjunto com uma mostra de edições musicais, artes plásticas, gastronomia e animação cultural.

Ao longo do ano em Coimbra realizam-se outras feiras, a título de exemplo ficam duas menções mas sugere-se a consulta da Agenda Cultural disponibilizada pelo Município de Coimbra¹⁰. A **feira das velharias** é uma feira mensal e realiza-se no último sábado de cada mês na Praça do Comércio. Esta feira afigura-se como um “(...) *repositório de memórias, é uma iniciativa dinamizadora a nível cultural mas, também, a nível económico e social, porque permite a venda*

¹⁰ Agenda de Eventos 2018 do 1º semestre disponível em <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/cultura-1/agenda-anual-de-coimbra/2018-3/10777-agenda-2018-1-semester-pt/file>. As agendas encontram-se disponíveis em <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/cultura-1/agenda-anual-de-coimbra/2018-3>.



e compra de objetos de coleção e velharias, sendo, igualmente, um ponto de encontro entre o muito público que acontece todos os meses à Praça do Comércio e as várias dezenas de expositores/participantes, oriundos de norte a sul do país” (Município de Coimbra, 2018:9). Outra feira mensal é a **feira de artesanato urbano** que se realiza aos segundos sábados de cada mês nas Ruas Visconde da Luz, Ferreira Borges e largo da Portagem. Este consiste na “(...) *afirmação do artesanato urbano de cariz contemporâneo no contexto cultural, social e económico nacional*” (Município de Coimbra, 2018:18).

Coimbra, através destas festas populares é sem dúvida rica no seu património cultural imaterial. Contudo, a existência da Universidade inserida no seio da vivência possui também um vasto conjunto de rituais relevantes para o PCI. Assim, uma das tradições mais antigas do país e de Coimbra associa-se à Universidade de Coimbra, com todas as suas **tradições académicas**. A realização da bênção das pastas; a serenata monumental cantada no largo da Sé Velha pela secção de fado da Associação Académica; a tarde de tunas académicas no Jardim da Sereia com a atuação de tunas das várias universidades do país e do estrangeiro; o baile de gala, a garraizada no Coliseu da Figueira da Foz, a venda da pasta pelas ruas da cidade de Coimbra em favor da Casa de Infância Doutor Elísio de Moura, a queima do grelo e o cortejo, o chá dançante e as noites de concertos, que foram surgindo, consistem nos rituais definidos para festa da Queima das Fitas. Um epílogo destas tradições já foi objeto de estudo numa publicação da mesma autora deste artigo, no ano de 2009, inserido na publicação *Coimbra na Época Moderna, a Universidade e a sua História*. Sugere-se, assim, a leitura deste artigo para melhor percepção da temática (Pereira, 2009). Nesse texto já se encontram referidas as alterações que se fizeram sentir, com a entrada do processo de Bolonha na Universidade de Coimbra, na estrutura orgânica de cada curso superior e nas grandes metamorfoses das tradições, usos e costumes da Academia. Ao longo do tempo, e com esta distância, desde as alterações, verifica-se uma alteração relativamente às vivências desses rituais. Passou-se a sentir e a viver mais as festas das noites com os concertos e a canalizar todos os interesses nesse sentido. Esta análise, faz parte do discurso presente e contínuo, mas será certamente recordada com especial destaque para o ano de 2018 face a grandes polémicas instituídas em torno do programa cultural das tradições e rituais que decorreram na festa da Academia. A título de exemplo apresentam-se duas situações, ainda



atuais, que envolveram a realização da Serenata Monumental e a garraiada. A Secção de Fado da Associação Académica de Coimbra (AAC) inicialmente apresentou recusa para a realização da Serenata Monumental. Esta posição baseou-se na privação de financiamento nos últimos dois anos, por parte da equipa de gestão da AAC, às secções culturais e desportivas. A negociação entre as partes manteve-se com vista à manutenção do ritual nos moldes e formas que sempre foram. E a Serenata Monumental realizou-se na madrugada do dia 4 de maio de 2018. Relativamente à garraiada, decorreu a 13 de março de 2018 um referendo à comunidade estudantil, para votarem a continuidade ou não da realização deste evento. A votação maioritária foi para o não, com 70,7%. Contudo, a realização de reuniões do Conselho de Veteranos em março e abril contribuiu para alguma alteração entre Academia e estudantes. O impasse existiu, apesar da não realização da garraiada ser uma determinação dos estudantes. No entanto, um grupo designado “Coimbra dos estudantes” organizou a realização do evento a 6 de maio no Coliseu Figueirense à revelia da Comissão da Queima das Fitas da AAC.

Ao longo dos anos o aviltar das vivências das tradições também se sentiu, principalmente nos primeiros anos da alteração dos dias. O programa foi modificado, como por exemplo, nos rituais como o cortejo, que foi transferido da terça-feira para o domingo, ou a garraiada que passou de domingo para quinta-feira¹¹. Associado a estas mudanças de dias para a realização do programa cultural também se verificou, e continua a verificar, uma alteração de comportamentos da própria comunidade estudantil. E estes, têm sido alvo de grandes críticas, apresentadas através da comunicação social. No que respeita ao cortejo verifica-se uma grande modificação, pois anteriormente a crítica social e política apareciam exteriorizadas através da decoração dos carros alegóricos e clamores de protesto ao longo do cortejo, vividos e sentidos por cada um dos estudantes que lutava pelo melhor da sua Academia. Hoje em dia esta crítica manifesta-se, ainda

¹¹ Esta decisão na alteração dos dias para a realização de certos rituais afetou certamente a economia local e regional e a cultura do ponto de vista do turismo. A Academia passou a realizar o cortejo ao domingo, um dia mais disponível para a população e para os familiares assistirem ao cortejo. Contudo, neste dia os estabelecimentos encontram-se encerrados para descanso. Através destas contingências verifica-se uma diminuição no consumo de bens por parte das pessoas que se deslocam a esta zona da cidade, tendo em atenção o tradicional dia de terça-feira para o cortejo. A alteração do dia da garraiada de domingo para a quinta-feira também afeta a economia local e regional e a cultura do ponto de vista do turismo, no concelho da Figueira da Foz. Os estudantes continuam a deslocar-se para assistir a este ritual. Contudo, por ser durante a semana a afluência diminuiu. O consumo também foi afetado e os familiares que se deslocavam para assistir também diminuíram.



nos carros alegóricos, mas, com um reduzido sentimento estudantil, pois o consumo de álcool excede os limites do razoável, os banhos de bebidas alcoólicas passaram a ser um ritual atual obrigatório e a falta de respeito pela população que assiste é uma realidade¹². Perante este panorama, ressalva-se a opinião do sociólogo Elísio Estanque apresentada por António Duarte (apud 2016¹³): *“No atual desfile, os comportamentos alteraram-se e a festa tornou-se, nos seus momentos mais intensos, numa ação de massas alcoolicamente alienadas. Os grupos parecem mais disformes, e os aglomerados de gente em redor dos carros mais fluidos e instáveis, em sintonia com a oscilação cambaleante dos grupos de fitados, doutores e caloiros. As tradicionais referências irónicas e corrosivas, dirigidas ao sistema educativo, às autoridades académicas ou ao poder político quase desapareceram da iconografia da Queima das Fitas (ou por exemplo das caricaturas dos livros de curso), praticamente reduzida a simbologias de índole sexista. À medida que o cortejo desce a avenida Sá da Bandeira, as cores dos carros alegóricos e das flores de papel vão começando a desbotar. Com ou sem chuva, os líquidos nunca faltam. E a grande catarse move-se na sua vida própria, descontrolada, à medida que as caixas de bebidas se vão esvaziando. Ao longo do percurso, os F-R-As soam ainda mais alto quando, por acaso, surge no caminho um familiar, um conterrâneo ou eventualmente um professor. Os ‘banhos’ adquirem aqui diversas formas, a começar por ser um banho de multidão; noutros casos, trata-se de despejar uma lata de cerveja pela cabeça abaixo do colega, amigo, conhecido ou mesmo um qualquer desconhecido que se revele plenamente inserido no festim; pode também incluir uma dança coletiva sobre um repuxo de uma fonte; e por fim (no final do dia), o clássico mergulho no Rio Mondego. Seja a água da chuva, a cerveja ou outras bebidas a jorrar de cima dos carros, estes banhos coletivos imprimem à festa estudantil uma paisagem de características únicas.”*. O próprio Elísio Estanque no ano seguinte (2017) volta a afirmar que: *“A sociedade é o que é. E as mudanças são irreversíveis. Mas, atenção, o facto de serem irreversíveis não quer dizer que os excessos não possam ser corrigidos. O que temos de fazer é chamar a atenção dos*

¹² Algumas destas críticas podem ser consultadas na web através de vários links, tais como: <http://www.jornaltornado.pt/queima-das-fitas-coimbra-urgente-repensar/>; <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/videos/criticas-a-austeridade-e-muito-alcool-na-queima-das-fitas-de-coimbra>; <https://escolapt.wordpress.com/2016/05/16/a-queima-das-fitas-em-coimbra/>; <https://www.dn.pt/sociedade/interior/o-cortejo-tem-momentos-que-sao-deprimentes-7207006.html>, entre outros.

¹³ Disponível em <https://escolapt.wordpress.com/2016/05/16/a-queima-das-fitas-em-coimbra/>.

vários agentes que têm influência no meio estudantil para que verifiquem onde é que está o limite do aceitável para determinados comportamentos. Aqui em Coimbra, o cortejo da Queima das Fitas assume alguns momentos que são deprimentes, que são degradantes, e em que se nota que aqueles jovens não estão sequer a divertir-se.”.



Fig. 12. Serenata Monumental no Largo da Sé Velha realizada no ano de 2011 (<http://semanaacademica.pt/wp-content/uploads/2011/07/serenata-coimbra-1.jpg>).



Figs. 13 e 14. Cortejo da Queima das Fitas no ano de 2004 (Carmen Pereira).



As tradições académicas consistem nas mais belas vivências da comunidade estudantil que reside e convive na cidade de Coimbra. Atualmente não se verifica um interesse para manterem ativos certos costumes e tradições desta Universidade. É necessário uma intervenção urgente para recriar os ambientes de convivência que se permitiam nestes dias, onde os estudantes mostravam às tricanas e futricas a sua grande festa. A cidade e a sua população registavam com entusiasmo a vivência destas tradições e costumes.

Etnograficamente Coimbra possui ainda muitas festas de cariz religioso que merecem a sua enunciação e um estudo mais aprofundado para memória futura das formas tradicionais de celebração e rituais desenvolvidos.

A enumeração das festas religiosas coimbrãs segue uma ordem cronológica, ressaltando-se o facto de existirem datas religiosas fixas e móveis, como se sabe. Assim, na noite de 5 para 6 de janeiro realiza-se a **procissão dos reis**, organizada pela AFERM. No século XIX esta procissão tinha um carácter mais religioso e, com o avançar do tempo, adquiriu a ideia de um desfile ou romaria dos grupos folclóricos associados à AFERM, como forma de recriação da procissão inicial. Esta romaria inicia-se na rotunda do Portugal dos Pequenitos rumo ao presépio da Igreja de Santo António dos Olivais. Ao longo do percurso, os grupos folclóricos vão integrando o desfile, de forma ordenada e organizada. Quando chegam ao destino, cada grupo faz uma oferta ao Menino Jesus e dois dos grupos folclóricos, previamente seleccionados, cantam.

A 16 de janeiro decorrem as celebrações de Louvor aos Santos Mártires de Marrocos. Entre 1423 e inícios do século XX, decorreu uma Procissão de Louvor aos Santos Mártires de Marrocos, designada por **procissão dos nus** (Loureiro, 1964:262-264). Esta procissão terá surgido no ano de 1423, em virtude da promessa de Vicente Martins, pelo facto de não ter sido atacado pela peste. Este habitante de Fala - S. Martinho do Bispo prometeu deslocar-se anualmente, desnudo da cinta para cima, ao relicário dos Santos Mártires de Marrocos. A procissão iniciava-se no Convento de S. Francisco da Ponte, percorrendo a ponte sobre o Mondego até à Igreja de Santa Cruz. Com o avançar do tempo, o número de aderentes à referida procissão aumentou. Simultaneamente a nudez começou a ter uma interpretação indecorosa, e o bispo proibiu esta manifestação, em inícios do século XX, a indivíduos adultos. Assim, passava apenas a ser



permitida a participação de crianças, cinco delas vestidas com indumentária representativa dos Santos Mártires. Com o passar dos tempos esta procissão acabou por dar lugar a uma singela cerimónia anual na Igreja de Santa Cruz.

As **festas da Semana Santa** realizam-se 40 dias após o Carnaval, englobando um conjunto de celebrações religiosas e populares. A partir de quinta-feira e até domingo de Páscoa, realizam-se as cerimónias religiosas da morte e ressurreição de Cristo. Uma tradição integrada nas celebrações pascais, mais concretamente no sábado santo, com um carácter mais popular, que data do século XVI é o **enterro do bacalhau**. Este ritual representa o enterro do alimento, quase diário, ingerido durante o período da Quaresma (Torgal, 2003:121-122).

Uma das procissões mais importantes, de origem medieval, é a **procissão do Corpus Christi** realizada sessenta dias após a Páscoa. Esta procissão, pelo menos no primeiro quartel do século XVI, e até finais do século XIX, como se encontra relatado por Borges de Figueiredo, terá sido identificada ou mesmo designada como Procissão de S. Jorge, devido ao facto de a imagem do santo ter sido a única, ou a mais importante, a integrar a procissão “(...) *a mais notavel de quantas havia em Portugal e hoje tão decahida, chama-se vulgarmente em Coimbra, e decerto noutras terras, a procissão de S. Jorge, porque a unica imagem que leva hoje (e a principal antigamente) é a do imaginario santo inglez*” (Borges de Figueiredo, 1886:286). Este evento inicialmente era organizado pelo poder municipal e pelas corporações profissionais (civis e militares). Os ofícios faziam-se representar por uma bandeira alusiva ao seu Santo protector, a título de exemplo, os oleiros eram representados por Santa Justa e por Santa Rufina, os barqueiros por São Cristóvão, e os barbeiros por São Jorge (Borges de Figueiredo, 1886:286-292). Por influência do espírito republicano do início do século XX, o poder municipal procura libertar-se da obrigação da realização desta procissão. Com o Estado Novo, a importância deste evento é recuperada com um carácter mais religioso. Atualmente a procissão realiza-se apenas com a saída do *Santíssimo* e os estandartes representativos das paróquias.

A festa religiosa mais importante da cidade é, sem dúvida, a que se refere à padroeira, a **Rainha Santa Isabel**, lembrando o dia da sua morte, em 1336. As festas realizam-se nos anos pares e têm a duração de uma semana, abrangendo o feriado da cidade, a 4 julho. A lenda do “milagre das rosas” (apresentada mais à frente) como enaltece a bondade e a generosidade da rainha para



com os mais desfavorecidos e desprotegidos. Após a sua morte, surgiu um culto de devoção. Em 1612 o caixão foi aberto, na presença do bispo D. Afonso de Castelo Branco, sendo constatado que o corpo da rainha se encontrava incorrupto. Depois de tal verificação, o corpo foi transladado do túmulo de pedra original para uma urna de prata e cristal.

No ano de 1516 a Rainha Santa Isabel foi oficialmente beatificada pelo Papa Leão X. O culto, que terá começado na diocese de Coimbra, acabou por ser alargado a todo o país, em 1556, pelo Papa Paulo IV. E, no ano de 1612, foi realizado o inquérito para o seu processo de canonização. Em 1625 realizou-se a canonização solene pelo Pontífice Urbano VIII.

Durante as festas da Rainha Santa Isabel, além da feira popular, realizam-se duas procissões de grande relevância. É uma das principais festas do centro do país, pautada pelas manifestações culturais e etnográficas. A procissão de quinta-feira inicialmente tinha um percurso com saída do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova em direção à Igreja do Carmo, na Rua da Sofia. Devido à degradação desta igreja, passou para a Igreja da Graça, na mesma rua. Mais recentemente passou a terminar o seu cortejo na Igreja de Santa Cruz. A escultura da Rainha Santa Isabel, presente no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova foi elaborada pelo escultor Teixeira Lopes e oferecida pela rainha D. Amélia¹⁴. Esta imagem abandona o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova a uma quinta-feira e permanece durante três dias para vigília e veneração dos fiéis, atualmente, na Igreja de Santa Cruz. Este ritual inicia-se com a realização da missa solene e posteriormente a procissão. “*É uma procissão penitencial e tem como finalidade proporcionar às pessoas oportunidade de cumprirem as suas promessas.*”¹⁵. O cortejo é moroso pois só pelas 22h o andor com a imagem da Rainha Santa Isabel chega à ponte e aguarda para ser saudada. As capas dos estudantes são estendidas no chão e as luzes da cidade apagam-se. Um sacerdote, previamente convidado para o efeito, dá as boas vindas à imagem da Rainha Santa Isabel, profere uma breve história da sua vida e o coro canta. Este cerimonial culmina com o lançamento de fogo-de-artifício. A procissão prossegue até à Igreja de Santa Cruz.

¹⁴ “SANTA Izabel e os festejos de Coimbra”, 1906:724.

¹⁵ http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=128&Itemid=119.

Na procissão participa um elevado número de indivíduos e representantes da Confraria das Irmãs da Rainha Santa e da Confraria dos Irmãos da Rainha Santa¹⁶, e associações, tais como a Polícia de Segurança Pública, a Guarda Nacional Republicana, os escuteiros, os Bombeiros Voluntários, o Corpo de Intervenção, os professores, os estudantes, entre outros. Para além dos participantes na procissão, são numerosos os espectadores da população residente e visitantes. Deslocam-se a Coimbra pessoas de todo o país, que aguardam a vinda da imagem da Rainha Santa Isabel à cidade.



Figs. 15 e 16. Saída da imagem da Rainha Santa Isabel do Mosteiro de Santa Clara-a-Nova e passagem na Ponte de Santa Clara na procissão do ano de 2004 (Carmen Pereira).

Existem, no entanto, outros momentos marcantes na procissão. É notório o esforço e a fé do grupo da Confraria dos Irmãos da Rainha Santa que transporta o pesado andor da imagem venerada. Estes homens descem a calçada de Santa Isabel, com pavimento de calçada portuguesa, desde o Mosteiro de Santa Clara-a-Nova até à rotunda do Portugal dos Pequenitos. São momentos fortes de concentração e de emoção.

¹⁶Alguns elementos destas confrarias formam a Mesa da Confraria da Rainha Santa.

No domingo, após os três dias de veneração, realiza-se a procissão de regresso ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova. Esta procissão apresenta igualmente momentos de profunda emoção. As procissões de quinta-feira e de domingo continuam a ser as ocasiões de maior destaque nesta comemoração religiosa. Nos anos ímpares realizam-se cerimónias apenas no Mosteiro de Santa Clara-a-Nova.



Fig. 17. Procissão de regresso ao Mosteiro de Santa Clara-a-Nova no ano de 2016. (Carmen Pereira).

Existem lendas relacionadas com esta cidade que merecem, também a sua enunciação e à semelhança das tradições enunciadas anteriormente, uma descrição mais aprofundada.

Associado à Rainha Santa Isabel a cidade de Coimbra afigura, também, uma das mais conhecidas lendas de Portugal: a **lenda do milagre das rosas**. Esta lenda exalta a benevolência e a magnificência da Rainha D. Isabel, para com os mais desfavorecidos.

D. Isabel de Aragão, recém-casada com D. Dinis, chegou a Coimbra a 15 de outubro de 1282. O encantamento foi mútuo, dela e da população. Ao longo da sua vida procurou sempre o entendimento e a harmonia numa luta por questões sociais e de orientação profissional (Borges, 1987:64-65). D. Isabel preocupava-se muito com a população, com especial destaque para a fundação de D. Mor Dias que muito sofria com os invernos rigorosos e as cheias provocadas pela



subida das águas do rio Mondego. Os populares procuravam D. Isabel para conforto face às dificuldades de saúde e falta de comida, pois encontrava sempre disponível para ajudar. Contudo, estas atitudes não eram bem entendidas, principalmente por alguns senhores que frequentavam a corte. E terão relatado ao rei D. Dinis, seu marido, estas posturas. Numa situação presencial o rei terá confrontado D. Isabel e o milagre ter-se-á realizado. Esta lenda encontra-se enfatizada em vários textos. Interessa, através dos vários contos sobre esta lenda, perceber o sentido da ação de D. Isabel para com a população mais desfavorecida e o milagre que terá acontecido aquando da interpelação do rei D. Dinis. Aqui fica um registo de um relato da lenda por inteiro, retirada da publicação de Gentil Marques (1997:291-924)¹⁷.

“Chegara o mês de Janeiro. Em Coimbra, as casas das monjas de Santa Clara, quase destruídas pelas cheias do Mondego, reconstruíram-se rapidamente. Isso fora possível porque a rainha Dona Isabel velava por elas.

Quando algum desgraçado se via sem pão dentro dum lar minado pela doença, logo procurava a sua rainha. E se nem sempre regressava com saúde para o corpo, pelo menos trazia pão para a boca, e palavras tão lindas ressoando aos seus ouvidos, que por si só já constituíam consolação para o seu espírito.

De todos, essa esposa e filha de reis cuidava como se fossem pessoas suas. Levava o seu zelo ao ponto de ir ela própria vigiar os trabalhos em curso nas casas das monjas. E os operários, desvanecidos com a real presença, e ainda com os auxílios monetários que Dona Isabel trazia aos mais necessitados, trabalhavam com redobrado ardor.

Porém, como acontece neste mundo, a rainha não tinha somente amigos. E certa vez um despeitado da corte procurou azedar o ânimo de el-rei D. Dinis. Aproveitando um dos momentos em que estava a sós com o rei, encetou o diálogo que há muito andava bailando no seu cérebro:

— Perdoai-me, Senhor, se me atrevo a falar-vos num assunto que me traz preocupado.

O rei olhou-o com certa altivez.

— Deixai-vos de rodeios. Dizei o que pretendeis.

O cortesão mordeu os lábios e disse:

¹⁷ Esta lenda encontra-se também disponível em <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-do-milagre-das-rosas/>.



— *Senhor meu Rei... A Rainha, vossa digna esposa, dispõe com bastante liberdade do vosso tesouro.*

D. Dinis franziu as sobrancelhas:

— *Que dizeis? Explicai-vos e já!*

O fidalgo tornou com humildade fingida:

— *Meu Senhor, acreditai no que vos digo... A Rainha gasta de mais...*

— *Mas como sabeis isso?*

— *Oh? É fácil de saber, meu Senhor... Só os vossos bons olhos não querem ver a verdade. Se me permitis...*

O rei encolerizou-se.

— *Falai! Mas falai numa vez!*

O fidalgo baixou a cabeça e declarou numa voz um tanto incerta:

— *Oh, meu Rei e Senhor! Só vos quero ajudar... O dinheiro desaparece, esgota-se, some-se... São as esmolas, as obras das igrejas, os empréstimos, as dádivas, as doações a conventos... enfim... uma loucura, Senhor! É necessária a vossa intervenção...*

Um grito do rei de Portugal cortou-lhe a frase:

— *Basta! Eu sei bem o que hei-de fazer!*

D. Dinis levantou-se, fazendo recuar o fidalgo. Em largas passadas pelo aposento, procurava acalmar a impetuosidade do seu temperamento belicoso. Seria verdade o que acabavam de dizer-lhe? Sim, devia ser verdade. A mentira representaria nesse momento um desmedido arrojo. E ao homem que ele tinha na sua frente sobrava-lhe em mesquinhez o que lhe faltava em audácia. E todavia... o vir à sua presença pôr em cheque a própria rainha não seria já um acto destemido?

O rei parou de andar dum extremo ao outro da saleta. Olhou fixamente o fidalgo, que baixou os olhos, e ordenou:

— *Deixai-me só! Preciso de pensar no caso sem a sensação de estar a ser espiado.*

Inclinando a cabeça, o fidalgo retirou-se em silêncio. Conhecia bem o rei e sabia de antemão que as suas declarações o tinham impressionado. Quanto ao monarca, logo que ficou longe das vistas do seu súbdito, deixou-se cair numa cadeira, murmurando consigo mesmo: «É isso! Tenho de pôr cobro de uma vez para sempre aos hábitos excessivamente misericordiosos da Rainha! E será o mais breve possível!»

Ora, se bem o pensou melhor o fez. Dias depois, quando Dona Isabel saía dos paços de Coimbra acompanhada pelas damas e pelos cavaleiros do seu séquito para se dirigir às obras



de Santa Clara e espalhar as suas esmolas, surgiu-lhe de súbito, pela frente, a figura desempenada do rei. Ele cumprimentou-a, cortesmente:

— Bom dia, Senhora! Ia partir para uma caçada, mas lembrei-me de vos saudar.

— Agradeço-vos a boa ideia, Senhor.

A rainha disse estas palavras sorrindo, mas instintivamente recuou um pouco, como a disfarçar o que levava no regaço. Porém, esse gesto embora mal esboçado não escapou à perspicácia de D. Dinis. Tentando esconder a suspeita que o assaltara, ele perguntou de novo, com a cortesia própria dum rei:

— Podeis dizer-me, Senhora, onde ides tão cedo?

Dona Isabel empalideceu. O coração bateu-lhe mais apressado e, após certa hesitação, respondeu com voz branda:

— Vou... armar os altares do mosteiro de Santa Clara.

Então el-rei olhou-a de sobreceño carregado. A sua voz tornou-se menos agradável. O sorriso cortês desapareceu-lhe dos lábios, enquanto perguntava:

— E que levais no vosso regaço, Senhora? À-la-fé que pareceis receosa. Nem quero acreditar que pretendeis ir distribuir novas esmolas pelos vossos protegidos... Isso seria contra todas as minhas ordens e contra todos os meus conselhos. Dizei-me, pois, o que levais no regaço.

A rainha tornou-se ainda mais pálida e por momentos permaneceu silenciosa. Elevava a Deus o pensamento, pedindo-Lhe aflitivamente o Seu divino auxílio. Alarmada, toda a comitiva olhava o rei, receosa da sua cólera. D. Dinis fixou de frente a rainha, que dava a ideia de estar presente apenas em corpo. Sentiu fugir-lhe toda a calma de que se tinha revestido e gritou-lhe:

— Então, Senhora, terei de dar ouvidos aos rumores que circulam à minha volta? Sempre é verdade que levais no vosso regaço dinheiro para oferecer aos maltrapilhos que protegeis?

Dona Isabel olhou o rei como quem torna dum sonho. O rubor voltava-lhe às faces, o sorriso brincava-lhe de novo nos lábios. E na sua voz melodiosa e pausada, respondeu:

— Enganai-vos, Real Senhor.. O que levo no meu regaço... são rosas para enfeitar os altares do mosteiro!

D. Dinis sorriu com ironia.

— Rosas? Como vos atreveis a mentir, Senhora? Rosas em Janeiro?... Pois ficai sabendo: se aqui estou neste momento... se aqui vim, é porque alguém me garantiu que leváveis dinheiro... Compreendeis agora?

O rosto da rainha não se contraiu sequer, humildemente. E, ante o pasmo e a aflição de quantos a rodeavam, insistiu com firmeza:



— Enganai-vos, Senhor! E enganou-se também quem vos informou. São rosas o que levo no regaço!

D. Dinis cerrou os dentes. Os seus olhos brilhavam de cólera e a sua voz tornou-se ainda mais dura:

— Insistis na vossa mentira, Senhora? Então... mostrai-me essas rosas!

Serenamente, ante o olhar atónito do rei e de todos os que ali se encontravam, a rainha Dona Isabel abriu o regaço e deixou ver um ramo de rosas maravilhosas, enquanto murmurava:

— Vede, Senhor.. Vede com os vossos olhos!

Houve um ligeiro murmúrio de pasmo entre a comitiva. El-rei D. Dinis, diante de tão grande prodígio, olhava atónito para as flores e para as mãos da rainha, sem conseguir pronunciar uma palavra. Estava certo de que acontecera algo de sobrenatural. Algo de estranho que o impressionava e confundia. E só momentos depois conseguiu sorrir e murmurar:

— Perdoai-me, Senhora, se vos ofendi... Mas nunca pensei ver rosas tão lindas neste tempo!

Ela sorriu-lhe meigamente. Havia felicidade no brilho dos seus olhos, na suave expressão do seu rosto, no bondoso sorriso dos seus lábios. Cumprimentando-a com galhardia, o rei afastou-se, deixando que a rainha seguisse o seu caminho.

Então, de novo, Dona Isabel elevou os olhos ao Céu. O seu ar harmonioso e a paz que resplandecia do seu rosto entraram na própria alma de quantos compunham a sua comitiva. Ninguém se atrevia a falar, a fazer um gesto sequer. Sentiam a solenidade do momento com uma alegria interior de difícil exteriorização.

Foi a própria rainha quem deu o sinal de continuar a marcha a caminho do mosteiro de Santa Clara. Lá a esperavam os desgraçados que viviam das esmolas da sua mão benfeitora, do seu olhar carinhoso, da sua palavra tão cheia de consolação. E lá estavam também os altares, esperando a sua graciosa ajuda.

Daí a pouco já toda a cidade de Coimbra se encontrava ao corrente do estranho prodígio que representava o pão e o dinheiro transformados em rosas. O povo, proclamava, de lágrimas nos olhos: «Foi um milagre! Foi um milagre! É santa a nossa rainha! Bendito seja Deus que a deu ao nosso reino!»

E o povo, gente grande com alma de menino, dentro das suas inesperadas reacções, é aquele cuja voz deve ecoar no Céu.

Assim, saltitando de boca em boca, o milagre das rosas chegou até nós e continuará para além dos séculos.”



D. Isabel será recordada pelas suas características mais afáveis, tal como Raquel Magalhães defendeu (2008 in Nogueira e Magalhães, 2008:103): “(...) *sua serenidade, devoção e caridade. Ficou conhecida pela acção benemérita, pela preocupação que demonstrava em relação aos mais desfavorecidos. Foram-lhe atribuídos actos caridosos como lavar os pés aos pobres, leprosos e cancerosos, dar-lhes de comer e de vestir.*”. Esta atitude é tão sentida pela população, que esta lenda se insere muitas vezes em representações apresentadas pelas escolas.

Finda esta enunciação sumária de algumas tradições populares e religiosas que caracterizam etnograficamente Coimbra, é também importante abordar a questão do artesanato e da gastronomia.

No que reporta ao **artesanato**, Coimbra apresenta-se como um dos centros mais antigos de olaria do país. Embora a história da olaria coimbrã remonte ao século XII, só no século XVI e XVII se verificam registos evidentes referentes à cerâmica de Coimbra. O processo de produção da cerâmica de Coimbra consiste numa manifestação cultural que tem como atividade principal a transformação da matéria-prima do barro para a conceção de uma peça de cerâmica. A particularidade desta tradição baseia-se no processo manual inerente. Este estudo e descrição já foi apresentado, sob a forma de artigo, no ano de 2016 pela mesma autora com o tema “*O processo de produção da cerâmica de Coimbra: um contributo para o Património Cultural Imaterial*”. Sugere-se a leitura do artigo na íntegra para melhor entendimento da sua relevância no campo etnográfico coimbrã¹⁸. Neste artigo foram apresentadas as premissas da descrição, inventário e salvaguarda do PCI, foi relatado todo o processo inerente à produção de uma peça cerâmica de Coimbra e ressaltada ainda a importância do seu registo e inserção no INPCI para proteção desta tradição e uma transmissão intergeracional desta prática, pois “*A produção da cerâmica de Coimbra constitui um motor cultural que identifica e caracteriza Coimbra a nível nacional e internacional e que necessita de uma crescente divulgação e promoção.*” (Pereira, 2016:32).

¹⁸ Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/urbanismo/9717-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra/file>; e <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/urbanismo/gabinete-para-o-centro-historico/grupo-de-arqueologia/item/4328-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra>.



No que respeita à **gastronomia**, a tradição coimbrã entronca, por um lado, na herança deixada pelo elevado número de conventos que, como se sabe, se instalaram na cidade e, por outro lado, na vivência académica das tascas e leitarias. As ordens religiosas incrementaram o fabrico de algumas especialidades que acabariam por se tornar doces regionais, tais como: a sopa dourada das freiras do Convento de Santa Clara; o manjar branco do Convento de Celas; os pastéis folhados do Convento de Santa Clara ou os bolos de coroa do Convento de Santa Ana. Ao nível da doçaria existem ainda as arrufadas, os canudos de ovos, os pingos de tocha, as cavacas altas, os capelos¹⁹, as lampreias de ovos, os pastéis e queijadas de Tentúgal e as talhadas de príncipe.

As tascas e os restaurantes típicos de Coimbra apresentam também uma gastronomia típica da região. Pode ser destacado, ao nível da ementa tradicional, o peixe frito, as bifanas, as iscas, os ossos cozidos, a chanfana, a mão de vaca com grão-de-bico, os negalhos, a tibornada, o sarrabulho e o arroz de lampreia.

Associado à questão gastronómica agrega-se a dos espaços característicos como tascas e restaurantes. Espaços com particularidades e repletos de histórias e de momentos. Apenas serão enunciados alguns espaços mais característicos, existindo certamente muitos outros que também podem ter outra enunciação num processo mais descritivo sobre este assunto. Algumas tascas e restaurantes já não existem, mas merecem aqui uma enunciação, como é o caso: da “Ti Maria Camela” na Rua do Borrvalho (Torgal, 2003:24-26), ou até a “A Democrática”, antigamente designada “Taberna da D. Maria”²⁰. Este espaço da Democrática encontra-se em processo de reabertura ao público. Felizmente alguns espaços ainda resistem no tempo, como o “Mija Cão” na Rua Nova (assim nomeada devido a um objeto de louça com a forma de bacia e de um cão) antigamente chamado de “Camola”²¹. Encontramos ainda nas imediações o “Diligência Bar” outrora conhecido por “Cochicho”²². No Beco do Forno localiza-se o “Zé Manel dos Ossos”,

¹⁹ Esta especialidade herdou a denominação das insígnias doutorais da Universidade.

²⁰ *Jornal de Coimbra* 15 Set. 1993.

²¹ *Jornal de Coimbra* 4 Ago. 1993.

²² *Jornal de Coimbra* 15 Set. 1993.



outrora designado “Mário da Sota”²³. O “Quim dos Ossos” tinha antigamente o nome “O Pita”²⁴. Para finalizar, referimos o “Cova Funda” - “Espanhol” com entrada pelo Terreiro da Erva e pela Rua da Sofia²⁵ e o “Cantinho dos Reis” no Terreiro da Erva. Muitos outros espaços comerciais também servirão gastronomia típica e procuram identificar a história e tradições desta cidade. Ao longo dos tempos espaços dedicados à promoção das iguarias típicas da cidade vão encerrando, por motivos económicos, mas outros vão abrindo com novos conceitos inovadores visando sempre uma relação com as tradições gastronómicas. Uma atitude empreendedora para louvar do ponto de vista do PCI.

Toda esta problemática relacionada com o PCI já foi, em tempos, objeto de preservação por parte do Município de Coimbra. Contudo, em virtude de todo este **legado etnográfico**, já a partir do ano de 1950, a Câmara Municipal sentiu a necessidade de desenvolver um projeto de preservação da cultura popular coimbrã. Deliberou-se então, a 8 de janeiro de 1953, a criação de uma Secção Etnográfica e Etnológica da Câmara Municipal, sob orientação de Manuel de Oliveira Chaves e Castro Correia da Encarnação (Castro, 1954:257-260). Efetivamente “*Os museus etnográficos são um meio eficaz de dar a conhecer ao povo as tradições, os costumes, a vida tão interessante dos seus antepassados. Servirão como escola de artistas, afastando-os das cópias tantas vezes infelizes de motivos estrangeiros e criarão o amor pelo que é nosso património, amor que será o culto das nossas tradições, o culto fervoroso da nossa Pátria*” (Castro, 1954:261). Por volta dos anos 70/80 desenvolveu-se outra iniciativa deste género e criou-se a Casa do Artesanato da Região de Coimbra, sediada na Torre do Anto sob a responsabilidade da Câmara Municipal. Este local promovia a divulgação do artesanato da região, com exposições temporárias e venda direta ao público. É importante que este interesse ressurgja, baseado em todo o legado etnográfico, ou seja, no património cultural imaterial que esta cidade possui, para que a Etnografia que caracteriza Coimbra possa ser valorizada, estudada minuciosamente e eventualmente registada segundo as normas e premissas do PCI.

²³ *Jornal de Coimbra* 16 Mar.1994.

²⁴ *Jornal de Coimbra* 8 Mar. 1995.

²⁵ *Jornal de Coimbra* 14 Jun. 1995.



Coimbra, tal como foi abordado ao longo deste texto possui muitas tradições, lendas, usos e costumes que merecem um estudo aprofundado e minucioso para que possam ser revividos tendo em conta a sua originalidade e serem transmitidos de forma real às novas gerações. Uma característica muito importante do PCI é o facto de a população reconhecer essas tradições como fazendo parte integrante da sua história e da sua cultura, dando-lhes um sentido de pertença, e apoiando nas medidas de salvaguarda e proteção. Reforça-se assim, a necessidade destes registos e a compilação das manifestações culturais, contribuindo para a perpetuidade das tradições das comunidades e o conhecimento dessas, pelas gerações que vão surgindo. O processo consiste assim numa mais-valia para o PCI e para a comunidade em registo, ou seja, para Coimbra.

Coimbra, maio de 2018



Bibliografia

- ▣ Borges de Figueiredo, António Cândido. 1886. *Coimbra antiga e moderna*. Lisboa: Livraria Ferreira.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 1984. “A mantilha e o seu uso em Coimbra”. *Munda: revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 7 (maio). P. 60-71.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 1987. *Coimbra e região*. Lisboa: Editorial Presença.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 1988. “O traje regional: algumas considerações sobre a necessidade do seu estudo, preservação e revitalização”. *Munda: revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 15 (maio). P. 7-20.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 1988a. “Espectáculo convívio. Apresentação do Grupo Folclórico de Coimbra”. *Alta de Coimbra. História – Arte – Tradição*. Actas do 1º encontro sobre a Alta de Coimbra (23, 24, 25 e 28 de outubro de 1987). Coimbra: GAAC. P. 257-264.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 1999. “Coimbra, encruzilhada de culturas”. *Munda: revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 38 (novembro). P. 59-65.
- ▣ Borges, Nelson Correia. 2003. “Histórias da arte de mandar fogueiras: retrato de corpo inteiro.” *Rua Larga: Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Reitoria da Universidade. N.º 2 (outubro). P. 54-55.
- ▣ Castro, Manuel de O. Chaves e. 1954. “Secção Etnográfica e Etnológica da Câmara Municipal de Coimbra. Ressurgimento do antigo Museu Municipal”. *Arquivo Coimbrão: boletim da Biblioteca Municipal*. Coimbra: Câmara Municipal. Vol. 12. P. 257-260.
- ▣ Coelho, Maria Helena da Cruz. 1993. *A feira de Coimbra no contexto das feiras medievais portuguesas*. Coimbra: Inatel.
- ▣ Correia, António. 1958. “Subsídios para o estudo do traje dos estudantes de Coimbra”. *Rua Larga: Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*. Coimbra: Reitoria da Universidade. N.º 9 (janeiro). P. 259-263.
- ▣ Correia, Avelino Rodrigues. 2007. “Fogueiras do São João, o que elas vieram dar Um estudo etnomusicológico das fogueiras em Coimbra”. *Coimbra Património*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. Vol. 9.



- ▣ Duarte, António. 2016. *Queima das Fitas em Coimbra*. Disponível em: <https://escolapt.wordpress.com/2016/05/16/a-queima-das-fitas-em-coimbra/> (acedido em 22/03/2018).
- ▣ Estanque, Elísio. 2017. *O cortejo tem momentos que são deprimentes*. (05/05/2017). Disponível em: <https://www.dn.pt/sociedade/interior/o-cortejo-tem-momentos-que-sao-deprimentes-7207006.html> (acedido em 22/03/2018).
- ▣ Figueiredo, Mesquita de. 1912. “A romaria do Espírito Santo em St. António dos Olivais”. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: O Século. N.º 329 (julho). P. 743-744.
- ▣ Fonseca, João (coord.). 2000. *Associativismo cultural: Coimbra ano 2000*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra.
- ▣ Gomes, Paulino e Veiga, António (coord.). 2003. *Coimbra: futuro com história*. Paços de Ferreira: Héstia Editores.
- ▣ Gonçalves, António. 1991. “Feira de S. Bartolomeu”. *Munda. Revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 21 (maio). P. 7-13.
- ▣ “Grupo Universitário de Danças Regionais”. 1958. *Rua Larga*. Coimbra: Reitoria da Universidade. N.º 16 (agosto). P. 486.
- ▣ *Jornal de Coimbra* 4 Ago. 1993.
- ▣ *Jornal de Coimbra* 15 Set. 1993.
- ▣ *Jornal de Coimbra* 16 Mar. 1994.
- ▣ *Jornal de Coimbra* 8 Mar. 1995.
- ▣ *Jornal de Coimbra* 14 Jun. 1995.
- ▣ Lamy, Alberto Sousa. 1990. *A Academia de Coimbra, 1537-1990: história, praxe, boémia e estudo, partidas e piadas, organismos académicos*. Lisboa: Rei dos Livros.
- ▣ Loureiro, José Pinto. 1964. *Coimbra no passado*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. Vol. 1.
- ▣ Magalhães Colaço, J. Maria de. 1912. “Lavadeiras do Mondego”. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: O Século. N.º 308 (15/01/1912). P. 65-69.
- ▣ Magalhães, Raquel. 2008. “Isabel de Aragão e Inês de Castro: figuras que a cidade imortalizou”. In: Nogueira, Isabel e Magalhães, Raquel. *Coimbra: das origens a finais da idade média*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. P. 99- 120.



- ☞ Marques, Gentil. 1997. *Lendas de Portugal* Lisboa. Círculo de Leitores. [1962]. Volume IV. P. 291-294. Disponível em: <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-do-milagre-das-rosas/> (acedido em 20/03/2018).
- ☞ Município de Coimbra, 2018. *Agenda de eventos - @ COIMBRA 2018*. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/cultura-1/agenda-anual-de-coimbra/2018-3/10777-agenda-2018-1-semester-pt/file> (acedido em 21/03/2018).
- ☞ Nunes, António Manuel Martins. 1999. “Subsídio para o estudo genético-evolutivo do hábito talar na Universidade de Coimbra”. *Universidade (s). História, Memória e Perspectivas*. Actas 3. Congresso História da Universidade. 7º Centenário. Coimbra: Gráfica Ediliber, Lda. Vol. 3.
- ☞ Nunes, Mário. 1989. “Património Cultural e Imprensa Regional”. *Munda. Revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 17 (maio). P. 23-26.
- ☞ Nunes, Mário. 2001. “Subsídios para história da AFERM – Associação de Folclore e Etnografia da Região do Mondego”. *Munda: revista do Grupo de Arqueologia e Arte do Centro*. Coimbra: GAAC. N.º 42 (novembro). P. 53-57.
- ☞ Pereira, Carmen. 2016. *O processo de produção da cerâmica de Coimbra: um contributo para o Património Cultural Imaterial*. Disponível em: <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/urbanismo/9717-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra/file>; <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/areas-de-intervencao/urbanismo/gabinete-para-o-centro-historico/grupo-de-arqueologia/item/4328-o-processo-de-producao-da-ceramica-de-coimbra>. (accedidos em 02/02/2018).
- ☞ Pereira, Carmen. 2009. “As tradições académicas”. In: Nogueira, Isabel e Magalhães, Raquel. *Coimbra na Época Moderna, a Universidade e a sua História*. Coimbra: Câmara Municipal de Coimbra. P. 183- 214.
- ☞ Prata, Manuel Alberto Carvalho. 2002. *Academia de Coimbra (1880-1926): contributo para a sua história* [1947]. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- ☞ Ribas, Tomaz. 1983. *Danças populares portuguesas*. Lisboa: Ministério da Educação.
- ☞ Roque, João Lourenço. 1990. “Coimbra de meados do séc. XIX a inícios do séc. XX. Imagens de sociabilidade urbana”. *Revista de História das Ideias*. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias. Faculdade de Letras. Vol. 12. P. 329-332.



- ☞ Rodrigues Costa, António. 2017. *Coimbra: a romaria do Espírito Santo que ainda vai havendo*. Disponível em: <http://acercadecoimbra.blogs.sapo.pt/coimbra-a-romaria-do-espírito-santo-que-99518> (acedido em 15/03/2018).
- ☞ Sá, Octaviano. 1942. “A tricana no folclore coimbrão”. *O Instituto*. Coimbra: Edição da Comissão Municipal de Turismo. Vol. 101.
- ☞ “Santa Izabel e os festejos de Coimbra”. 1906. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: O Século. N.º 23. P. 724.
- ☞ Torgal, Gonçalo dos Reis. 2003. *Coimbra, boémia da saudade*. Coimbra: G. dos R. Torgal. Vol. 1.
- ☞ UNESCO, 2003. *Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris. 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> (acedido em 28/09/2016).
- ☞ Vasconcellos, José Leite de. 1983. *Tradições populares de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- ☞ <https://www.cm-coimbra.pt/index.php/servicos/documentacao-geral/menu-area-de-ficheiros/cultura-1/agenda-anual-de-coimbra/2018-3> (acedido em 21/03/2018).
- ☞ <https://www.cm-coimbra.pt/media/k2/galleries/Feira%20Medieval%202017/Feira%20Medieval%20130.JPG> (acedido em 05/04/2018).
- ☞ <https://www.dn.pt/sociedade/interior/o-cortejo-tem-momentos-que-sao-deprimentes-7207006.html> (acedido em 22/03/2018).
- ☞ http://encontrogeracoesbnm.blogspot.pt/2016/03/noticias-de-coimbra_13.html (acedido em 29/03/2018).
- ☞ <https://escolapt.wordpress.com/2016/05/16/a-queima-das-fitas-em-coimbra/> (acedido em 22/03/2018).
- ☞ <http://folcloredportugal.blogspot.pt/2009/02/grupo-folclorico-da-casa-do-povo-de.html> (acedido em 16/03/2018).
- ☞ <http://www.jornaltornado.pt/queima-das-fitas-coimbra-urgente-repensar/> (acedido em 22/03/2018).
- ☞ http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial_Integral.pdf (acedido em 28/03/2018).



-
- ☞ <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Inventario/InventarioFiltrar.aspx> (acedido em 15/06/2016).
- ☞ <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=1> (acedido em 19/05/2016).
- ☞ <http://www.matrizpci.dgpc.pt/MatrizPCI.Web/Recursos/RecursosUtilitariosListar.aspx?TipoUtilitario=4> (acedido em 15/06/2016).
- ☞ <http://www.memoriaportuguesa.pt/feira-dos-lazaros> (acedido em 29/03/2018).
- ☞ <http://penedosaudade.blogspot.pt/2010/03/tricanas-de-coimbra.html> (acedido em 15/03/2018).
- ☞ http://www.rainhasantaisabel.org/index.php?option=com_content&view=article&id=128&Itemid=119 (acedido em 17/04/2018).
- ☞ <http://seccaodefado.wixsite.com/sfaac/orquestra-tpica-e-rancho> (acedido em 28/03/2018).
- ☞ <http://semanaacademica.pt/wp-content/uploads/2011/07/serenata-coimbra-1.jpg> (acedido em 22/03/2018).
- ☞ <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/videos/criticas-a-austeridade-e-muito-alcool-na-queima-das-fitas-de-coimbra> (acedido em 22/03/2018).
- ☞ <http://umpigodeluz.blogspot.pt/2014/06/feira-medieval-se-velha-coimbra.html> (acedido em 29/03/2018).
- ☞ <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial> (acedido em 19/05/2016).
- ☞ <http://www.unesco.org/culture/ich/doc/src/00009-PT-Portugal-PDF.pdf> (acedido em 28/09/2016).
- ☞ http://2.bp.blogspot.com/_4_RdMsTQKOQ/Ru1b9LLuh4I/AAAAAAAAAAtE/BLfzi2yxAH0/s320/pavilhao.jpg (acedido em 31/01/2018).